

## Servos no mundo

### Salmo 119.121-128 (NAA)

#### y Aim

<sup>121</sup>Tenho praticado juízo e justiça; não me entregues aos meus opressores. <sup>122</sup>Sê fiador do teu servo para o bem; não permitas que os soberbos me oprimam. <sup>123</sup>Os meus olhos desfalecem à espera da tua salvação e da promessa da tua justiça. <sup>124</sup>Trata o teu servo segundo a tua misericórdia e ensina-me os teus decretos. <sup>125</sup>Sou teu servo; dá-me entendimento, para que eu conheça os teus testemunhos. <sup>126</sup>Já é tempo de entrar em ação, ó SENHOR, pois a tua lei está sendo violada. <sup>127</sup>Amo os teus mandamentos mais do que o ouro, mais do que o ouro refinado. <sup>128</sup>Por isso, considero, em tudo, retos todos os teus preceitos e detesto todo caminho de falsidade.

**D**e quem você é servo?  
Não é uma pergunta retórica. É a pergunta mais concreta que existe — porque todos nós servimos a alguma coisa. A questão não é se você serve, mas *a quem*.

O adolescente que passa vinte minutos na frente do espelho ajustando a própria imagem antes de dedicar vinte segundos a Deus já respondeu à pergunta. Ele serve à aparência — ao que os outros pensam, ao que o *feed* vai mostrar, ao personagem que precisa ser mantido a todo custo.

O jovem que constrói suas convicções não pela Palavra, mas pela aprovação do grupo — que muda de opinião conforme muda a roda de amigos, que silencia quando deveria falar e fala quando deveria silenciar — já respondeu. Ele serve à aceitação. O ídolo não tem nome, mas tem rosto: é o rosto de quem ele mais quer impressionar.

O adulto que acorda de madrugada com o coração acelerado pensando nos problemas, nas contas, nas metas, no que ainda precisa conquistar para finalmente se sentir seguro — e que raramente perde sono pensando em Deus — já respondeu. Ele serve à segurança financeira. Não necessariamente ao dinheiro em si, mas ao que o dinheiro promete: controle, estabilidade, a sensação de que nada pode ameaçá-lo.

A cultura em que vivemos não tolera servos de Deus. Não de forma aberta — não há perseguição declarada na maioria dos casos. O que há é algo mais sutil e mais eficiente: a pressão constante para que você sirva a outros senhores. A pressão para relativizar o que Deus chama de certo. Para celebrar o que Deus chama de errado. Para calar o que Deus manda proclamar.

Vivemos num tempo em que a ideia mesma de absolutos morais é tratada como arrogância — e o crente que os sustenta é visto como intolerante, antiquado, fora do lugar.

Leland Ryken, no seu livro **Santos no Mundo — Os Puritanos como Realmente Eram**, publicado pela Editora Fiel, desfaz uma das maiores caricaturas da história do cristianismo. Os puritanos não eram fanáticos sombrios que fugiam do mundo. Eram homens e mulheres que levavam a sério uma vocação: ser servos de Deus *dentro* do mundo — no trabalho, na família, na política, na cultura, no sofrimento. Eles entendiam que a fé não era um refúgio do mundo real, mas uma forma de habitar o mundo real com integridade e propósito.

Ryken, por certo, absorveu essa ideia de Paulo. Quando o apóstolo escrevia às igrejas, suas saudações não eram protocolares — eram teológicas. Observe:

- “Aos santos que vivem em Éfeso e são fiéis em Cristo Jesus” (Ef 1.1).
- “A todos os santos em Cristo Jesus [...] que vivem em Filipos” (Fp 1.1).
- “Aos santos e fiéis irmãos em Cristo que estão em Colossos” (Cl 1.2).

Santos. Em Éfeso. Em Filipos. Em Colossos.

A combinação é deliberada e provocadora:

**Santos** — separados, pertencentes a Deus, marcados por uma identidade que vem de cima. **No mundo** — em cidades reais, com mercados, templos pagãos, pressões políticas, relações de trabalho, famílias complicadas e culturas hostis.

Paulo não escrevia para monges em mosteiros. Escrevia para servos de Deus vivendo no meio do mundo — exatamente onde o mundo era mais barulhento, mais sedutor e mais perigoso.

Ser santo no mundo não é ser estranho ao mundo. É ser estranho *para* o mundo — porque você serve a um Senhor diferente, obedece a uma lei diferente, tem uma esperança diferente. E é essa estranheza que o mundo não suporta.

Essa é exatamente a visão que o Salmo 119 apresenta. Não um salmista que se isola dos ímpios numa torre de marfim espiritual. Mas um servo de Deus que vive no meio da pressão, da opressão e da injustiça — e que, diante de tudo isso, sabe exatamente quem é e a quem pertence.

No meio desta estrofe há uma frase que é ao mesmo tempo simples e devastadora. **Versículo 125: “Sou teu servo.”** Não é hu-

mildade performática. É uma declaração de identidade — e ela aparece três vezes ao longo dos oito versículos:

- “Sê fiador do teu servo” (v.122).
- “Trata o teu servo” (v.124).
- “Sou teu servo” (v.125).

Três vezes. Como se o salmista precisasse repetir para si mesmo — e para os seus opressores — quem ele é.

A palavra **servo** é o fio que costura toda a estrofe. Ela explica cada súplica, cada argumento e cada resolução que vamos ver juntos. Porque quando você sabe a quem pertence, tudo muda: como você ora, o que você pede, com o que você se preocupa, o que você ama — e o que você detesta.

A pergunta que o mundo impõe — **de quem você é servo?** — é exatamente a que este texto responde.

Aqui, Davi vai responder à seguinte pergunta:

- “Como vivem os servos de Deus num mundo que despreza a sua lei?”

O salmista nos dá três respostas: [1.] Servos no mundo suplicam com consciência limpa diante do SENHOR (vs.121-122); [2.] Servos no mundo sabem a quem recorrer (vs.123-125); e [3.] Servos no mundo amam o que o mundo odeia (vs.126-128).

## 1. Servos no mundo suplicam com consciência limpa diante do SENHOR

### Versículos 121-122

<sup>121</sup>Tenho praticado juízo e justiça; não me entregues aos meus opressores. <sup>122</sup>Sê fiador do teu servo para o bem; não permitas que os soberbos me oprimam.

Antes de suplicar, Davi declara. E a declaração surpreende: “Tenho praticado juízo e justiça” (v.121). Não é confissão de peca-

do. Não é reconhecimento de fraqueza. É uma afirmação de integridade — e ela precisa ser entendida corretamente, ou Davi parecerá um moralista apresentando o próprio currículo a Deus.

O próprio Salmo 119 corrige essa leitura.

O mesmo homem que abre esta estrofe com uma declaração de integridade confessa no final do poema — **versículo 176**: “Ando errante como ovelha perdida; procura o teu servo”. E no **versículo 32** ele revela de onde vem sua obediência: “Percorrerei o caminho dos teus mandamentos, *quando me deres mais entendimento.*”

Portanto, a obediência não é ponto de partida — é fruto. Não é mérito — é graça recebida.

O que Davi apresenta no **versículo 121** não é um currículo de obras. É uma consciência limpa — e há uma diferença enorme entre as duas coisas.

O homem com currículo de obras diz: “Mereço ser atendido.” O homem com consciência limpa diz algo bem diferente: “Não há nada entre mim e o meu Deus. Posso me aproximar.”

A consciência limpa não gera direito — remove obstáculo. Não fundamenta a súplica — libera o acesso. E é exatamente com esse acesso desobstruído — não por mérito, mas pela graça que purifica a consciência — que Davi se apresenta diante do SENHOR. Não para cobrar. Para clamar.

<sup>121</sup>Tenho praticado juízo e justiça;  
não me entregues aos meus opressores.

O **versículo 122** aprofunda o pedido com uma imagem jurídica poderosa: “Sê fiador do teu servo para o bem.”

Um fiador não torce à distância — ele entra na disputa, coloca o próprio nome em jogo, assume pessoalmente a responsabilidade pelo outro. Foi isso que Judá fez por Benjamim diante de José

— em **Gênesis 43.9**: “Eu serei responsável por ele; da minha mão o senhor poderá requerê-lo.”

E é exatamente isso que Davi pede ao SENHOR. Não apenas atenção — presença ativa. Não apenas simpatia — intervenção pessoal.

<sup>122</sup>Sê fiador do teu servo para o bem; não permitas que os soberbos me oprimam.

Há uma dimensão cristológica aqui: Cristo é nosso fiador diante de Deus — e se ele o é, o SENHOR será nosso fiador contra todo o mundo. **Hebreus 7.22** confirma: “Jesus se tornou fiador de superior aliança.” O que Davi antecipava na súplica, Cristo cumpriu — não com palavras, mas com sangue, seu próprio sangue.

Você já sentiu aquela **VOZ INTERNA QUE ACUSA** — que lembra cada erro e diz que você não tem direito de pedir nada a Deus? O evangelho não silencia essa voz com otimismo. Silencia com um fato: há um Fiador. Alguém que entrou na sua disputa, assumiu sua dívida e colocou o próprio nome em jogo por você — e agora faz todas as coisas, até seus erros, cooperarem para o seu bem. Por isso você, crente, pode se aproximar de Deus não como réu esperando sentença, mas como servo esperando socorro.

Mas tem mais.

Note como a justiça de Deus em Jesus Cristo auxilia o crente a combater também **O TEMOR DO HOMEM**. Tudo o que Davi almejava era: “não me entregues aos meus opressores” (v. 121); “não permitas que os soberbos me oprimam” (v. 122).

Seja sincero: não é isso o que você mais teme?

O temor do que os outros vão pensar, falar, fazer. O medo de ser oprimido, humilhado, rebaixado. Não é exclusividade de Davi — é a experiência de todo crente que ousa servir ao SENHOR num mundo hostil.

**E COMO DAVI COMBATE ESSE MEDO?** Refugiando-se na justiça de Deus, na fiança do SENHOR. Nós nos refugiamos no sangue de Cristo — a garantia de que ninguém tentará acusação contra os eleitos de Deus. Paulo é categórico: “É Deus quem os justifica. Quem os condenará? É Cristo Jesus quem morreu, ou melhor, quem ressuscitou, o qual está à direita de Deus e também intercede por nós.” (Rm 8.33-34).

O resultado de ter Deus como Fiador é que ninguém — nem opressores, nem soberbos, nem o peso da opinião alheia, nem mesmo a voz interna que acusa — fará você deixar de praticar a palavra de Deus. Você dirá com Davi: “Tenho praticado juízo e justiça” — não porque é forte, mas porque tem um Fiador que é.

**Pense em um jovem.** Sem nome e sem influências, ele enfrenta uma situação que não tem como resolver sozinho. Uma acusação injusta, sem recursos, sem saída. De repente, alguém com autoridade se levanta e diz: “Eu respondo por ele.” Tudo muda. Não porque o jovem ficou mais forte — mas porque alguém mais forte entrou na disputa por ele. É exatamente isso que Davi pede. É exatamente isso que Cristo fez.

**Meu caro adolescente** — a pressão para manter o personagem é grande. Mas você tem um Fiador. Não precisa se vender para se proteger.

**Meu jovem** — quando suas convicções te isolarem: apresente a causa ao seu Fiador. Cristo entrou em disputa infinitamente maior — e saiu vitorioso: ressuscitou para a sua justificação.

**Meu irmão, minha irmã** — quando a consciência acusar: a consciência purificada pelo sangue de Cristo não é conquista sua. É presente do seu Fiador.

Servos no mundo suplicam com consciência limpa diante do SENHOR — e jamais deixam de praticar juízo e justiça, jamais dei-

xam de viver a palavra de Deus com amor — porque têm um Fiador que o mundo não conhece e não pode derrotar.

## 2. Servos no mundo renovam suas forças no SENHOR

### Versículos 123-125

<sup>123</sup>Os meus olhos desfalecem à espera da tua salvação e da promessa da tua justiça. <sup>124</sup>Trata o teu servo segundo a tua misericórdia e ensina-me os teus decretos. <sup>125</sup>Sou teu servo; dá-me entendimento, para que eu conheça os teus testemunhos.

Note o **versículo 123**. Ele abre com uma das imagens mais honestas de todo o Salmo 119: “Os meus olhos desfalecem.”

Não é desespero. Não é apostasia. É exaustão fiel — a exaustão de quem esperou tanto, por tanto tempo, que os olhos já não aguentam mais. Lembre-se de que os opressores desta estrofe não são novos — são os mesmos ímpios que armaram ciladas no versículo 110, os malfeitores do versículo 115, os ímpios rejeitados como escória no versículo 119. A pressão sobre Davi vem se acumulando há várias estrofes. E agora chegou ao limite.

E os olhos desfalecem porque a salvação *parece* demorar — mas o salmista não espera qualquer salvação. Ele espera especificamente “a promessa da tua justiça” (v. 123) — a salvação garantida pela palavra de Deus. Ou seja: os olhos do salmista podem falhar, mas a palavra de Deus sobre a qual ele edifica sua esperança fumegante não falha — e os que nela constroem sua esperança, ainda que agora desanimados, verão a sua salvação a seu tempo.

O desfalecimento dos olhos não é falta de fé — é fé que chegou ao limite das próprias forças e ainda assim permanece ancorada na promessa da palavra de Deus.

Você conhece esse lugar?

Os olhos que desfalecem não pertencem apenas ao salmista. Pertencem aos que oram pela conversão de alguém há anos e ainda não viu nada mudar. Aos que buscam viver com integridade num ambiente que pune a honestidade. Aos que servem fielmente e começam a se perguntar se alguém está vendo, se está valendo a pena.

Já se viu em situação semelhante?

Os versículos seguintes respondem ao desfalecimento dos olhos com três petições progressivas: ensina-me (v. 124) → dá-me entendimento (v. 125a) → dá-me conhecimento experimental (v. 125b). Não são três pedidos paralelos — são três degraus de um mesmo movimento.

Observe:

O **versículo 124** abre com o fundamento: “**Trata o teu servo segundo a tua misericórdia**”. Antes de pedir qualquer coisa, Davi ancora o pedido na **hesed** — a misericórdia pactual do SENHOR. Não pede com base no que merece. Pede com base em quem Deus é. Aqui o SENHOR aparece como **Mestre** — e mestres cuidam dos que pertencem ao seu círculo. Se isso é verdade entre humanos, quanto mais com o SENHOR dos exércitos?

Da certeza da misericórdia brota o segundo pedido: “**ensina-me os teus decretos**” (v. 124). O servo exausto não pede explicações para o sofrimento — pede instrução para continuar.

**Matthew Henry** é preciso: “Em tempos difíceis devemos desejar mais ser ensinados sobre o que devemos fazer do que sobre o que podemos esperar.”

Realmente, o servo não quer um mapa do futuro — quer saber como servir bem agora, no meio da pressão. Quer sabedoria para saber passar pela provação (Tg 1.2-8).

O versículo 125 aprofunda o pedido: “Sou teu servo; dá-me entendimento, para que eu conheça os teus testemunhos.” A relação de servidão é aqui o argumento — não o mérito, mas o vínculo.

“Sou teu servo” não é título honorífico. É a razão pela qual o Mestre deve ensinar. **Charles Spurgeon** resume: “O servo não deve ser ignorante acerca do seu mestre ou dos negócios do seu mestre; deve estudar a mente, a vontade, o propósito e o objetivo daquele a quem serve.”

Note ainda, no versículo 125: o conhecimento que o salmista busca não é teórico; não é mera cultura teológica. A progressão — ensino → entendimento → conhecimento — culmina em **conhecimento experimental**: verdade apreendida, amada e vivida. O servo que conhece os testemunhos do SENHOR não apenas sabe o que é certo — age de acordo com o que sabe, mesmo quando custa.

Por exemplo:

Eu li que um maratonista experiente (maratona é a corrida de 42 km) sabe que existe um ponto na corrida — geralmente entre os 30 e os 35 quilômetros — que os atletas chamam de “muro”. Falando 7 a 12 quilômetros para terminar a prova, as pernas param de responder. A mente começa a negociar a desistência. O corpo grita que chegou ao limite.

Os que atravessam o muro não são os mais fortes fisicamente. São os que aprenderam a correr com uma técnica diferente nesse ponto — respiração, passada, ritmo. São os que foram bem treinados para esse momento específico.

Davi está no muro. Os olhos desfalecem. E o que ele pede não é alívio imediato — pede treinamento. “Ensina-me. Dá-me entendimento.” O servo que pede instrução no meio da exaustão não está desistindo — está decidindo continuar de forma diferente. Renovando as forças não pela adrenalina do momento, mas pelo ensino do SENHOR; pela sabedoria prática derivada da Bíblia.

**Meu caro adolescente** — quando a vida cristã parecer pesada demais, quando você se perguntar se vale a pena ser diferente: não peça para Deus remover a dificuldade. Peça que ele te ensine a atravessá-la. “Dá-me entendimento.”

**Meu jovem** — quando a pressão do ambiente for grande e você não souber como agir: volte ao Texto Sagrado. O servo que conhece os testemunhos do SENHOR sabe o que fazer quando o mundo não oferece manual.

**Meu irmão, minha irmã** — quando o cansaço de servir chegar e os olhos começarem a desfalecer: lembre-se de que o desfalecimento fiel não é falta de fé. É fé que chegou ao limite das próprias forças — e que, exatamente por isso, precisa de um Mestre que ensine, não de um otimismo que anime.

“Os que esperam no SENHOR renovam as suas forças” (Is 40.31). Não os que se esforçam mais. Os que esperam — e pedem instrução enquanto esperam.

Servos no mundo renovam suas forças no SENHOR — porque sabem que o Mestre não abandona os servos que pedem para aprender.

### **3. Servos no mundo amam o que o mundo odeia**

#### **Versículos 126-128:**

<sup>126</sup>Já é tempo de entrar em ação, ó SENHOR, pois a tua lei está sendo violada. <sup>127</sup>Amo os teus mandamentos mais do que o ouro, mais do que o ouro refinado. <sup>128</sup>Por isso, considero, em tudo, retos todos os teus preceitos e detesto todo caminho de falsidade.

O **versículo 126** é o versículo mais surpreendente desta estrofe. Davi poderia ter apelado à sua própria condição — “Age, SENHOR, porque estou sofrendo.” Mas não é isso que ele diz. Ele ape-la à honra do SENHOR: “Age, porque a tua lei está sendo violada.”

Porque Davi é servo do SENHOR, ele está mais preocupado com o nome do seu Mestre do que com o seu próprio alívio. Ele quer ver a lei de Deus triunfar. Quer continuar praticando-a e proclamando-a. Mas ela está há muito sendo violada. Deus precisa agir. O Espírito de Deus precisa operar. Então Davi ora. Mas o apelo não é passivo. É um chamado à ação — de Deus e dele próprio, o servo: “Já é tempo de entrar em ação, ó SENHOR, pois a tua lei está sendo violada.” (v. 126).

Os **versículos 127-128** revelam como o servo se posiciona para agir pelo poder de Deus que ele acabou de suplicar.

Há em Davi o que podemos chamar de “**obsessão santa**” (v. 127) e “**oposição santa**” (v. 128) — e a conexão entre as duas é o “por isso” que abre o versículo 128. São causa e consequência: porque amo os mandamentos mais do que o ouro mais puro (v. 127), “considero, em tudo, retos todos os teus preceitos e detesto todo caminho de falsidade.” (v. 128).

O “**em tudo**” do versículo 128 carrega um duplo sentido.

O primeiro: a palavra de Deus é **toda ela reta** — sem exceção, sem graduação, sem zona de negociação.

O segundo sentido é ainda mais abrangente: **em tudo na minha vida** — em todas as minhas práticas, em toda a minha maneira de ver o mundo — a tua Palavra (ela toda) tem o seu devido lugar.

Não há dicotomia entre o sagrado e o secular no pensamento de Davi. A Bíblia não serve apenas para as coisas da igreja — a ser tomada com cautela nas demais áreas da vida, do saber e do mercado.

Davi não admite zonas neutras nem domínios autônomos na experiência humana. Enquanto a laicidade estabelece uma separação entre o espaço civil e as diretrizes da fé — como se isso fosse

realmente possível — a cosmovisão do salmista rejeita qualquer compartimentalização.

Para Davi, não há esfera da realidade que opere à margem da jurisdição divina. A Palavra não é um adendo para o foro íntimo — é o referencial absoluto que governa, julga e direciona a totalidade da vida e da sociedade.

É exatamente isso que Leland Ryken encontrou nos puritanos — e que dá título ao livro que citamos no início: **Santos no Mundo**. Não santos *do* mundo. Não santos *fora* do mundo. Santos *no* mundo — com a palavra de Deus governando cada esfera da existência.

Vivemos num tempo que trata esse compromisso como intolerância. A cultura declara que chamar algo de errado é abuso de poder — que todos os caminhos são igualmente válidos e que o único absoluto é a ausência de absolutos.

Mas o servo do SENHOR não pode amar a lei sem detestar a falsidade. Jesus foi categórico: “Ninguém pode servir a dois senhores; porque ou irá odiar um e amar o outro, ou irá se dedicar a um e desprezar o outro. Vocês não podem servir a Deus e [a qualquer outra coisa].” (Mt 6.24).

**Meu caro adolescente** — o *feed* te mostra mil caminhos como igualmente válidos. O servo sabe que não são. Ame o que Deus ama — e não tenha vergonha de detestar o que Deus detesta.

**Meu jovem** — sua geração foi ensinada que ter convicções é arrogância. Mas o servo que ama os mandamentos mais do que o ouro não negocia a verdade por aprovação.

**Meu irmão, minha irmã** — quando o mundo violar a lei de Deus abertamente e você sentir a tentação de ceder ou de se calar: lembre-se de Davi. É tempo de agir. Tome o seu lugar.

Servos no mundo amam o que o mundo odeia — e por isso o mundo não os entende. Mas o SENHOR os conhece.

## Primeiro ele o foi

Voltemos à pergunta que abriu este sermão:

### De quem você é servo?

O mundo oferece senhores sem conta — a aparência, a aprovação, a segurança. Cada um promete muito. Nenhum cumpre. E nenhum deles entra na disputa por você, nem ensina você no limite da exaustão ou conhece você quando o mundo não entende.

Mas há um Servo que viveu tudo o que vimos neste texto — e viveu perfeitamente.

Jesus praticou juízo e justiça — e foi entregue aos opressores mesmo assim. Não porque Deus falhou, mas porque era exatamente esse o plano. Ele teve um Fiador? Não. Ele *foi* o Fiador — por você, por mim, por todos os que o mundo condena.

Jesus teve os olhos que desfalecem? Sim — no Getsêmani, quando suou como gotas de sangue e pediu que o cálice passasse. Mas permaneceu ancorado na vontade do Pai. Renovando as forças não para si mesmo, mas para atravessar a cruz, o vale da sombra da morte por nós — e ressuscitar para a nossa justificação.

Jesus amou os mandamentos mais do que o ouro — e detestou todo caminho de falsidade até o fim. “Eu descí do céu, não para fazer a minha própria vontade, mas a vontade daquele que me enviou” (Jo 6.38). Cristo é o Servo perfeito do SENHOR.

E é nele que você e eu nos tornamos servos. Não por esforço — por união. Unidos a Cristo pela fé, a identidade dele de servo torna-se a nossa própria. A consciência limpa dele cobre a nossa. O amor dele à lei transforma o nosso coração.

Dizemos: “Sou teu servo” — porque primeiro Cristo o foi.

É assim que se vive como servo no mundo. Não pela força da determinação moral. Não pela coragem do idealismo jovem. Não

por mera cultura teológica. Mas pela união, em fé, com aquele que é o Servo perfeito do SENHOR — e que, por isso, nos torna servos *no mundo*.

**S.D.G.** L.B.Peixoto.